

# RELATÓRIO PIBAGRO MINAS GERAIS



DEZEMBRO/15\*

GDP Agribusiness – Outlook

\* ANÁLISE ELABORADA COM DADOS DISPONÍVEIS ATÉ MARÇO/16.



# RELATÓRIO PIBAGRO Minas Gerais

## GDP AGRIBUSINESS – OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Minas Gerais é uma publicação mensal elaborada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da ESALQ/USP, com o apoio financeiro da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa) em parceria com a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária básica ou, como também é chamada, primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) serviços\*. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o setor (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais recente.

Os cálculos sobre a variação do volume partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

O acompanhamento mensal detalhado do agronegócio mineiro abrange os principais produtos na composição no PIB do setor para o estado. Os produtos e cadeias produtivas menos relevantes em termos de participação sobre o total não são acompanhados mensalmente pelas expectativas de produção e variação de preço, mas constam no cômputo total de modo agregado.

### Equipe Responsável

**Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D**

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular ESALQ/USP

**Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Leandro Gilio, Me., Nicole Rennó Castro, Me., Gustavo Ferrarezi Giachini, Bel.,** Pesquisadores do CEPEA

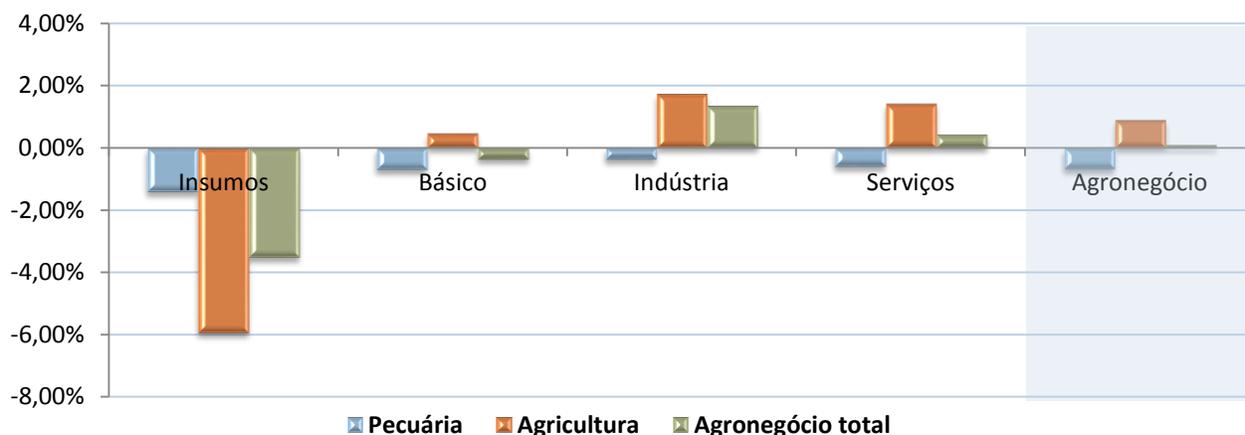
#### \*Nota:

1) Desde o primeiro relatório de 2015, o segmento “Distribuição” foi renomeado como “Serviços”. Esta mudança é apenas uma adequação de nomenclatura, não havendo qualquer alteração na metodologia de cálculo.

## APRESENTAÇÃO

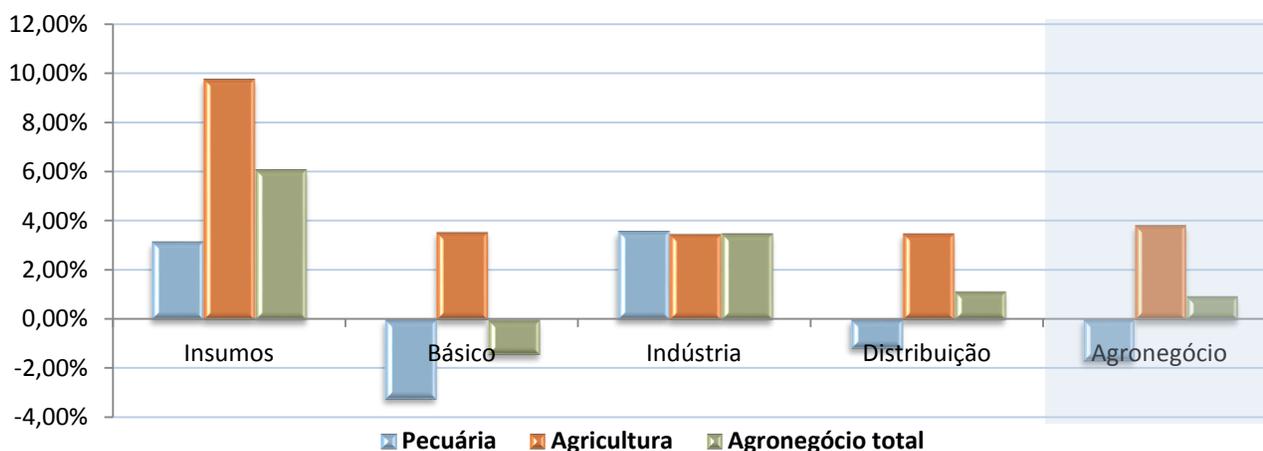
O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da ESALQ/USP, com o apoio financeiro da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa) e em parceria com a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG), apresentou crescimento de 0,09% em dezembro de 2015, fechando 2015 com alta estimada em 0,96% para o ano (Figuras 1 e 2).

Entre os segmentos, no mês, houve crescimento em indústria (1,35%) e serviços (0,43%), enquanto básico e insumos apresentaram queda de 0,37% e 3,51%, respectivamente (Figura 1). No acumulado do ano, apenas o segmento básico teve queda estimada (-1,42%), enquanto os demais apresentaram projeção de avanço, de 6,08% para insumos, 3,5% para indústria e 1,16% para serviços (Figura 2).



**Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro em dezembro de 2015 (%)**

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.



**Figura 2 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro acumuladas no ano de 2015 (%)**

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

## ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

Em dezembro, a estimativa do PIB do Agronegócio mineiro ficou praticamente estável, crescendo apenas 0,09%. A renda do agronegócio mineiro foi estimada para o ano em R\$ 171,946 bilhões (a preços 2015). Desse valor, estima-se que R\$ 84,485 bilhões (49,13%) sejam resultantes do ramo da agricultura e R\$ 87,416 bilhões (50,87%), do ramo pecuário (Tabela 3).

## EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

O ramo agrícola, formado pelo conjunto das cadeias produtivas da agricultura<sup>1</sup>, apresentou crescimento de 3,84% no acumulado do ano de 2015. Esse resultado reflete as elevações observadas em todos os segmentos: insumos (9,8%), básico (3,56%), indústria (3,49%) e serviços (3,50%). Para o ramo pecuário, a projeção apontou retração de 1,69% em 2015, com altas registradas nos segmentos de insumos (3,15%) e indústria (3,58%), mas queda no segmento básico (-3,23%), que tem maior participação no PIB do ramo e exerceu influência na queda do segmento de serviços (-1,18%).

## INSUMOS

O segmento de insumos apresentou queda no último mês do ano, de 3,51%. Tal resultado no mês não reverteu a tendência observada na projeção para o ano, que apresentou crescimento significativo de 6,08%, motivado principalmente pelo crescimento dos insumos no ramo agrícola (9,8% de crescimento no ano). Entre os setores que compõem o segmento, fertilizantes e corretivos do solo cresceu 11,44%, alimentos para animais 1,17% e combustíveis e lubrificantes 0,93% (Figura 3).

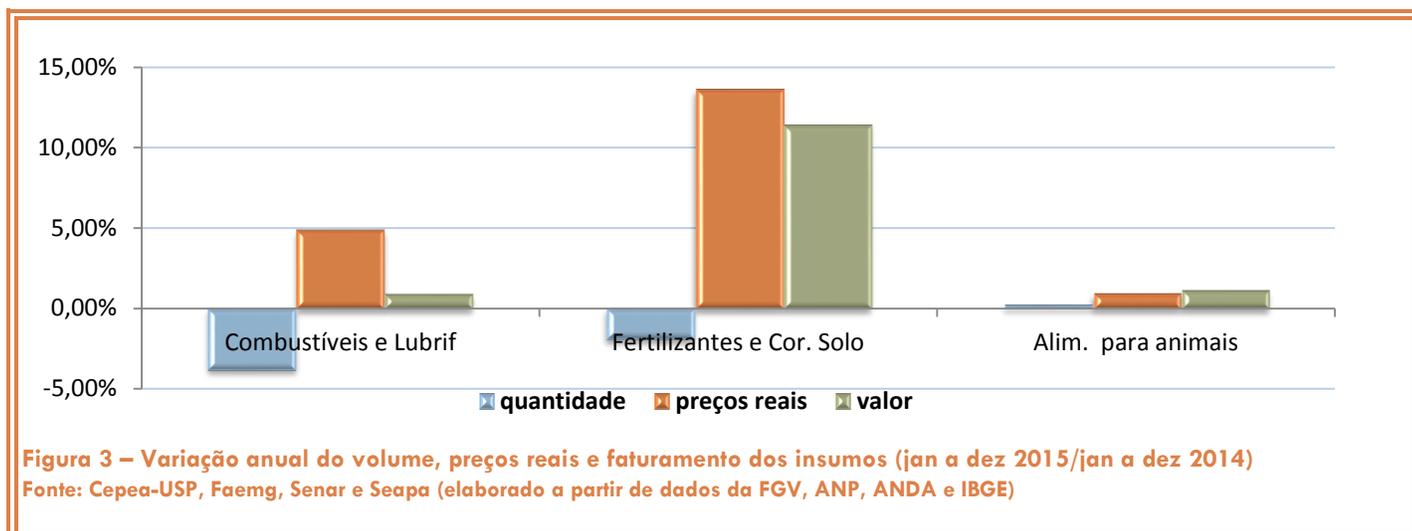
Para fertilizantes e corretivos, o principal impulso veio da elevação nas cotações, relacionada essencialmente à valorização do dólar frente ao Real, afetando significativamente os setores mais dependentes de importações. Os preços reais apresentaram alta de 13,64%, enquanto o volume de vendas decresceu em 1,94% a.a. na comparação com 2014. Segundo informações da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), além da alta nas cotações também foram verificados maior restrição e atrasos na liberação do crédito, além do aumento dos juros, que fez com que muitos agricultores e pecuaristas postergassem ou diminuíssem o ritmo de compras.

Para o grupo de combustíveis, o volume caiu 3,8% a.a, enquanto as cotações se elevaram em 4,92%, em termos reais. A valorização reflete o aumento na tributação dos combustíveis, como o CIDE e ICMS, que ocorreu principalmente no primeiro semestre de 2015, enquanto a queda em volume foi motivada pela retração em alguns setores de atividade.

O grupo de alimentação animal registrou crescimento na renda de 1,17% em 2015 (com informações avaliadas até dezembro), motivado pela elevação de 0,97% nas cotações reais e 0,2% em quantidade. Segundo a Sindirações, ao longo de 2015 a depreciação do Real encareceu algumas matérias-primas (aditivos importados) utilizadas na alimentação animal, o que explica a valorização. Com relação às vendas, segundo a entidade, o crescimento das exportações de alguns segmentos do ramo pecuário tem dado suporte para o desempenho do setor.

Na Figura 3, estão descritas as taxas de crescimento anuais (janeiro a dezembro de 2015 em relação ao mesmo período de 2014) para os segmentos de insumos não agropecuários, tomando-se como base os preços médios reais na comparação com 2014 e as estimativas anuais de produção. Na Tabela 8, estão os números dos setores que compõem o segmento.

<sup>1</sup> O conceito de cadeia produtiva, tratado neste relatório, refere-se à sequência de atividades desde a produção de insumos para a agropecuária, passando pela produção primária e por todas as demais atividades de processamento até a distribuição do produto final.



### ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

A cotação média e a produção para o conjunto das *atividades agrícolas* apresentaram crescimento de 2,86% e 0,94%, respectivamente, com relação ao ano anterior. A Figura 4 apresenta o desempenho das culturas acompanhadas, calculado com base nas estimativas anuais de safra e nos preços médios do período transcorrido. Entre os produtos acompanhados em Minas Gerais, com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, houve crescimento anual no faturamento das seguintes culturas: cana-de-açúcar (1,84%), soja (3,70%), milho (0,97%), batata (46,20%), laranja (11,52%), feijão (25,39%), banana (4,58%) e tomate (6,04%).

Em relação à cana-de-açúcar no estado mineiro, expectativas de produção indicam elevação de 4,87% para a safra 2015/16, segundo dados da Conab, acompanhada de desvalorização real de 2,88% na comparação com o período de janeiro a dezembro/14. Segundo a Conab, o déficit hídrico ocorrido na safra anterior, que poderia ter influenciado negativamente na produtividade da safra atual, teve seus efeitos minimizados pelo clima favorável ao desenvolvimento das lavouras neste ano. Ainda segundo a entidade, os tratos culturais tiveram resultados satisfatórios e os canaviais responderam com maior vigor, tendo como consequência o aumento de produtividade (estimado em 4,1% no estado). Todavia, o clima úmido resultou em diminuição de 4% da quantidade de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR).

Para soja, os preços reais registraram baixa de 1,55% na comparação média entre janeiro a dezembro de 2015 e de 2014 no estado. Já na produção, a expectativa é de aumento de 5,34% a.a. Segundo a equipe Grãos/Cepea, em 2015 foram registrados recordes de produção brasileira e mundial, elevando-se a oferta e pressionando as cotações internacionais. Sobre as cotações internas, tal efeito foi revertido, em parte, pela desvalorização do Real frente ao dólar, compensando quedas externas de preço.

Com relação ao milho, há expectativa de queda de 1,83% na produção para o ano, segundo dados do IBGE, mas os preços reais apresentam elevação de 2,85% média até dezembro/15, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Segundo a Conab, os custos de produção da cultura sofreram aumento substancial, e com as perspectivas favoráveis para o mercado de soja, os produtores em Minas Gerais acabaram optando por esta oleaginosa, com a intenção do plantio sequencial da segunda safra de milho. Com o atraso das chuvas, o plantio foi iniciado mais cedo apenas em áreas de pivô, concentrando-se notadamente em novembro, e finalizando em dezembro. Com relação aos preços, segundo pesquisadores da Equipe Grãos/Cepea, o impulso positivo veio principalmente da maior competitividade do cereal brasileiro no mercado internacional.

No caso da batata-inglesa, o crescimento da renda no período reflete a expressiva elevação de 44,68% nos preços, já que a produção teve pequeno crescimento, estimado em 1,05% no ano. Segundo pesquisadores do Cepea, na safra das águas 2014/15 algumas regiões foram afetadas pela seca, como Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, que apresentou perdas estimadas em 20% de produtividade. Em outras regiões, como o Sul de Minas Gerais, embora não tenha havido queda de produtividade, houve redução da área de cultivo. Com isso, os preços da batata na safra das

águas 2014/15 permaneceram acima dos custos de produção na média da temporada. Na safra das secas, a área cultivada também não foi suficiente para gerar excesso de oferta nas regiões acompanhadas pelos pesquisadores do Cepea, o que garantiu bons preços ao produtor.

Para a laranja, o crescimento de 11,52% na renda em 2015 vem do aumento da expectativa de produção (4,99%) e das cotações reais (6,22%) na comparação anual. Segundo pesquisadores do Cepea, os preços da laranja subiram com mais intensidade neste ano, notadamente no segundo semestre, diante da expectativa de menor oferta na temporada 2015/16, tanto no mercado spot quanto nos contratos. Os principais motivos para essa redução foram a seca de 2014, que prejudicou a abertura das floradas para a temporada corrente, e os investimentos limitados na cultura devido à baixa rentabilidade dos últimos anos. As melhores cotações ainda não garantiram maior ânimo para os citricultores independentes (que carregam dívidas das últimas safras), mas vêm reduzindo a saída de produtores da citricultura, que foi intensa em anos recentes.

Tomate, feijão e banana também apresentam expectativa de elevação na renda em 2015. No caso do primeiro, é esperada elevação de 6,06% na produção e estabilidade nos preços (janeiro até dezembro de 2015 frente ao mesmo período de 2014). Segundo pesquisadores do Cepea, 2015 foi marcado pelo clima e conjuntura macroeconômica desfavoráveis, que levou ao aumento dos custos de produção. A colheita de tomate da safra de inverno na região Araguari (MG) se encerrou já entre outubro e novembro. As atividades tiveram início em fevereiro, com pico de oferta em julho e agosto, e a finalização da temporada seria apenas em dezembro, mas, por conta do clima quente, houve aceleração do ciclo do tomate. Entre os produtores, há expectativa de redução da área plantada para a safra de inverno 2016 na praça mineira. Em relação ao feijão, houve recuo na expectativa de produção (-11,12%), mas forte elevação das cotações (41,08%). Segundo a Conab, a queda veio da redução da área plantada, com a busca dos produtores mineiros por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja, principalmente no período de plantio da primeira safra em 2015. Para banana, espera-se forte crescimento, via aumento de 11,88% na quantidade, mas recuo de 6,52% nos preços.

As demais culturas mineiras analisadas recuaram em faturamento: café (0,72%), carvão vegetal (26,72%), mandioca (35,45%), algodão (3,82%) e arroz (39,33%).

Para o café, produto de maior representatividade na agricultura mineira, a expectativa revisada neste mês é de que a colheita de 2015 seja 1,36% menor que a do ano passado, conforme dados do IBGE. Já com relação aos preços, a elevação foi de 1,20% na comparação com dezembro/14. Segundo pesquisadores do Cepea, os preços internos do café robusta registraram consecutivos aumentos no correr de 2015, atingindo recordes. Já com relação aos valores do arábica, que compõe a maior parte da produção mineira, apesar das fortes oscilações ao longo de 2015, os preços, no acumulado, permaneceram praticamente nos mesmos níveis nominais da maior parte da safra anterior. A forte valorização do robusta no ano deveu-se à queda no volume produzido na safra 2015/16 e ao aumento das exportações. Quanto ao arábica, o volume de comercialização na primeira metade da safra 2015/16 foi menor que o observado no mesmo período da safra anterior (2014/15), quando o ritmo de negócios já havia sido considerado fraco.

Para a mandioca, a produção estimada no ano seguiu praticamente estável com relação a de 2014, com pequena elevação de 0,04%. Até dezembro, se verificou acentuada redução de preços com relação ao mesmo período do ano anterior, de 35,47%. Segundo pesquisadores do Cepea, especificamente para dezembro as feculárias buscaram retomar a produção, que até então apresentava queda, e os produtores tiveram maior interesse pela comercialização com objetivo de “fazer caixa”. Mas a liquidez no mês ainda assim foi considerada baixa, uma vez que muitos compradores já haviam se abastecido em meses anteriores, pressionando os preços.

Em relação ao algodão, a projeção de faturamento indica recuo de 3,82% para o ano, via queda de 6,74% em volume e elevação de 3,14% nos preços. Segundo pesquisadores do Cepea, ao longo do ano, os preços do algodão em pluma estiveram predominantemente em alta, se recuperando logo no primeiro trimestre da forte queda do ano anterior. A diminuição da safra 2014/15, somada a maior paridade de exportação, deu suporte aos sucessivos reajustes. No mercado de arroz, houve queda de 36,5% em quantidade e de 4,46% nas cotações. Para o carvão, estima-se baixa de 10,3% na quantidade e, de 18,31% para preços, o que leva a expectativa de recuo de 26,72% na renda.

O segmento primário da pecuária apresentou retração de 0,69% em dezembro, com o preço médio ponderado 1,45% maior que o de mesmo período de 2014 e retração de 4,01% na expectativa de produção para o ano. Entre os setores, apenas frangos apresentaram evolução positiva em faturamento, de 8,43%. Já bois, vacas, leite, ovos e suínos retraíram-se 3,55%, 2,49%, 5,65%, 0,69% e 7,59%, nessa ordem.

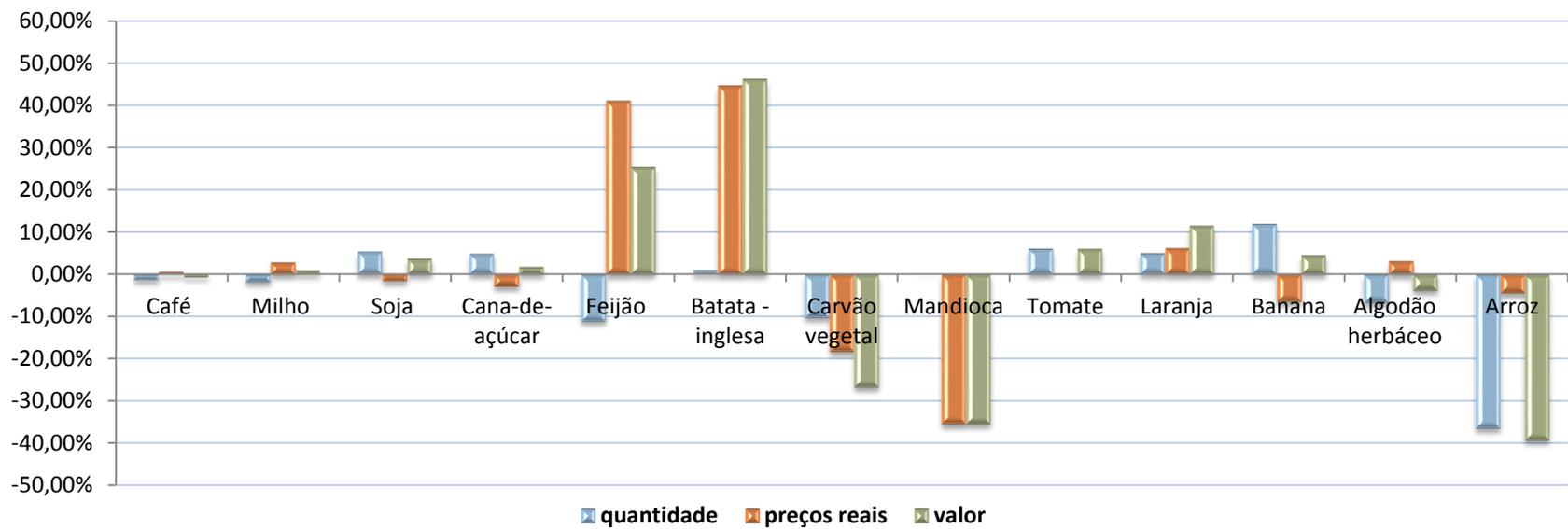
Com relação a bovinos, em Minas Gerais os preços reais para o boi acumulam alta de 8,61% e para vacas, de 8,37% até dezembro/15 (frente ao período de janeiro a dezembro de 2014). Já a expectativa de produção tem queda de 11,19% para machos e, de 10,02% para fêmeas. Segundo a equipe Boi/Cepea, pelo terceiro ano seguido os preços em todos os elos da pecuária de corte estiveram em alta. A sustentação das cotações resultou principalmente da baixa oferta de animais, relacionada a questões climáticas. Além de as chuvas terem sido abaixo da média desde 2013 e até meados de 2015 em diversas regiões produtoras, o que prejudicou as pastagens, o desenvolvimento e a engorda dos animais, o abate de matrizes em anos anteriores reforçou a queda na disponibilidade interna presente.

No mercado de suínos, os preços reais declinaram 10,45%, mas a quantidade cresceu 3,20% a.a. Segundo a equipe Suínos/Cepea, o setor aumentou sua produção como reflexo do bom resultado da atividade em 2014, mas, tal dinâmica acabou gerando excesso de oferta e o conseqüente recuo das cotações. A equipe destaca ainda que a valorização do dólar em relação ao Real teve efeitos distintos sobre a cadeia suinícola: por um lado favoreceu a exportação da carne, mas, por outro, elevou os custos de produção.

Na atividade leiteira, a produção tem expectativa de crescimento em 5,04% a.a., mas os valores registraram queda de 10,18% em média até dezembro. Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, diferente de outros produtos agropecuários que, em certa medida, foram favorecidos pela elevação da taxa de câmbio em 2015, este ano não foi favorável à cadeia pecuária do leite, considerando-se todos os seus elos. Especificamente na produção "dentro da porteira", aqui abordada, produtores enfrentaram aumentos constantes de custos de produção em um cenário de preços reduzidos do leite, o que implicou em queda expressiva nas margens.

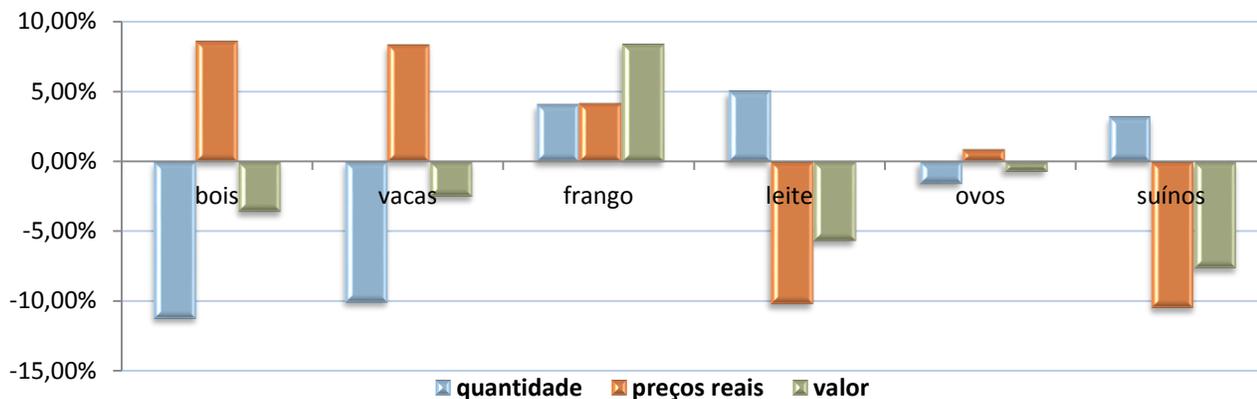
Nas Figuras 4 e 5 são apresentadas variações de volume, preços reais e faturamento real acumulados das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras, tomando-se como base os preços médios de 2015 em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção.





**Figura 4. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento das lavouras (janeiro a dezembro - 2015/2014).**

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).



**Figura 5. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (janeiro a dezembro - 2015/2014).**  
**Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).**

## ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro cresceu 1,35% em dezembro, resultado do avanço de 1,74% dos setores de base vegetal, já que houve queda de 0,36% das atividades de processamento animal.

Das indústrias relacionadas à *agricultura*, as de papel e celulose, etanol hidratado, fumo e açúcar apresentaram expectativa de expansão do faturamento em dezembro/15, de 22,01%, 23,36%, 18,91% e 1,69%, respectivamente. Já as agroindústrias de café, etanol anidro, têxtil, óleo de soja e bebidas seguiram com queda, de 0,50%, 12,60%, 28,77%, 9,47% e 0,78%, nessa ordem.

Para a indústria cafeeira, houve elevação real de preço de 0,20%, mas pequena queda na expectativa de produção anual (0,7%). Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), o setor neste ano passou por uma fase de investimentos e renovações tecnológicas, diferenciação e diversificação de produtos, como a ampliação da oferta brasileira de café monodose. Segundo a entidade, esse movimento tem ajudado a indústria a manter a demanda relativamente estável, mesmo diante do ambiente de crise econômica.

Na agroindústria de papel e celulose, o maior faturamento foi motivado principalmente pela elevação expressiva de preços, de 33,34%, já que a quantidade deve recuar 8,5% a.a. No decorrer de 2015, as cotações dos produtos desta indústria foram impulsionadas tanto por maiores preços internacionais quanto pela valorização do dólar frente ao Real.

A indústria de fumo teve valorização de preços (5,98%) e aumento de volume (12,2%), enquanto a de bebidas decresceu 4,5% em quantidade, mas teve elevação de 3,89% nas cotações – tal resultado reflete principalmente aumento da tributação em diversos segmentos de bebidas desde abril/15.

Para o óleo de soja, houve queda de 14,22% na produção, porém crescimento de 5,53% nos preços. Segundo pesquisadores do Cepea, a sustentação dos preços se observa desde agosto de 2014, pois as demandas externa e interna por óleo estão firmes, impulsionadas pelos altos preços do concorrente óleo de palma e pela alta na produção de biodiesel.

No caso do etanol, no ano de 2015 houve certa melhora de cenário, com produção e demanda recordes para a indústria. Mas, no balanço desta temporada, os preços médios pouco se alteram em relação aos da temporada anterior. Houve aumento de 22,31% na produção de etanol hidratado, mas queda de 11,82% para o anidro. Já em relação aos preços até dezembro/15, estavam 0,86% mais elevados para o hidratado e 0,89% inferiores para o anidro, já descontada a inflação, no comparativo com mesmo período do ano passado. Segundo pesquisadores da equipe Etanol/Cepea, muitas usinas não têm conseguido compatibilizar preços estáveis com custos crescentes.

Para o açúcar, houve queda de 3,98% na quantidade e elevação real de 5,91% nos preços na comparação com o mesmo período do ano anterior. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, mudanças na conjuntura

macroeconômica foram decisivas para inverter a tendência dos preços do açúcar, que atingiram patamar relativamente elevado no final do ano: cerca de R\$ 80,00/sc de 50 kg (cristal, Icumsa mais frequente 130 a 180), o que não era observado desde janeiro de 2012. Os preços começaram a reagir a partir agosto, resultado das altas do açúcar no mercado externo e da valorização do dólar frente ao Real, o fez com que as exportações voltassem a remunerar mais que as vendas domésticas. Outro fator foi a perspectiva de déficit na oferta de açúcar para a safra 2015/16 internacional, que também ajudou a sustentar as cotações. Com o fortalecimento das exportações, representantes de usinas mantiveram postura firme ao negociar no spot doméstico e os preços internos também reagiram, voltando a remunerar mais que a exportação a partir da segunda quinzena de outubro.

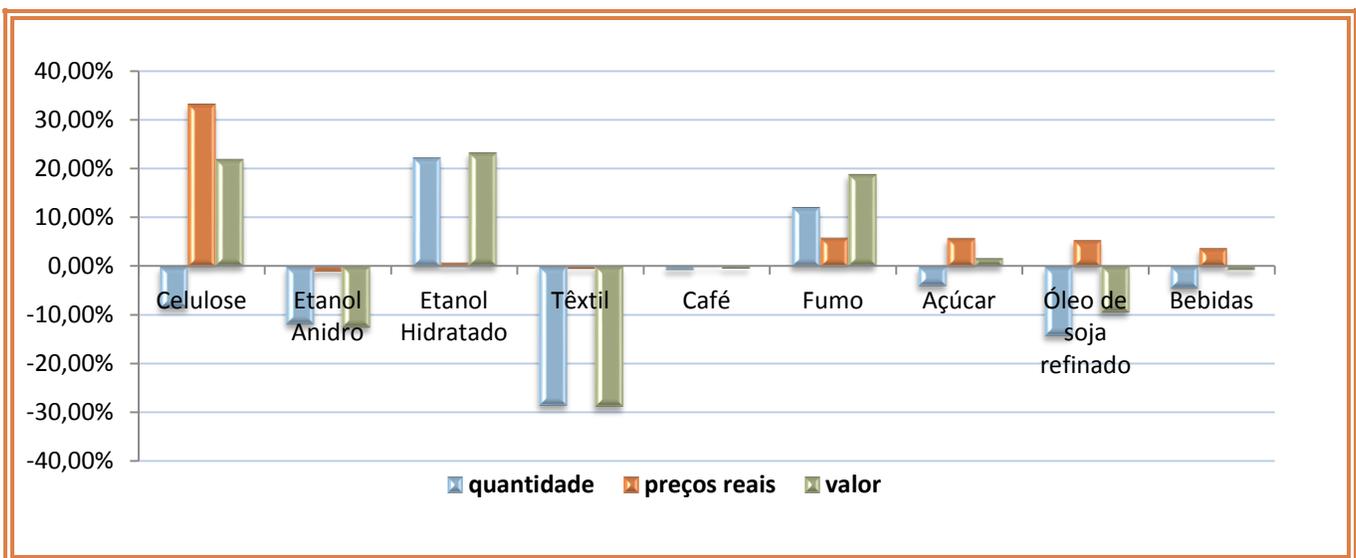
A agroindústria de *processamento animal* recuou 0,36% em faturamento no mês. Para o ano, a projeção é elevação em 3,58%, impulsionada pela retração de 1,47% nos preços, mas crescimento médio de 5,42% na quantidade, avaliados até dezembro/15.

Quanto aos derivados de leite – UHT, queijos, leite em pó e pasteurizado –, tiveram desvalorização de 3,79%, 7,97%, 4,48% e 5,34%, respectivamente, até dezembro/15, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Na produção, por outro lado, estimam-se elevações expressivas, de 15,05%, 8,17%, 13,72% e de 8,58%, na mesma ordem. Segundo a equipe Leite/Cepea, as indústrias de lácteos enfrentaram em 2015 o enfraquecimento da renda nacional e, então, das vendas dos derivados, acumulando altos estoques que tem ocasionado baixa de preços.

No mercado de carnes, a suína se desvalorizou 12,20%, mas teve elevação de 3,20% na quantidade. Segundo pesquisadores do Cepea, frigoríficos voltados ao mercado interno enfrentaram dificuldades decorrentes de um excesso de volume ofertado sobre as vendas no atacado. No entanto, para as empresas exportadoras da carne, o faturamento foi recorde em 2015, resultado do dólar valorizado e da retomada das compras russas.

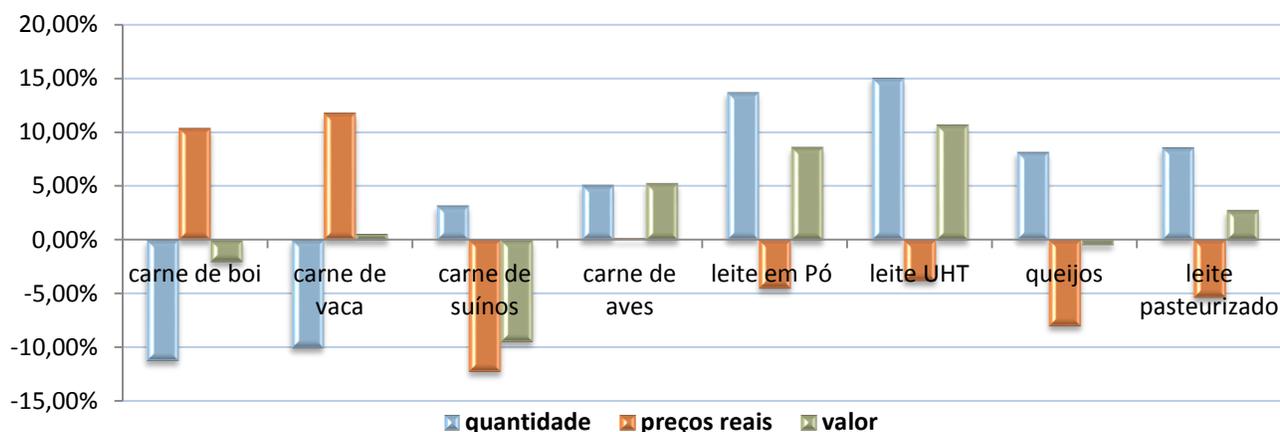
Para bovinos, o faturamento da carne de boi decresceu 1,99% a.a, enquanto o da carne de vaca manteve-se praticamente estável, com pequena elevação de 0,6% a.a. Tais resultados devem-se ao aumento das cotações, de 11,80% para a carne das fêmeas e de 10,36% para a de boi, e de perspectivas de quedas em volume, de 10,02% e 11,19%, na mesma ordem. Segundo pesquisadores do Cepea, 2015 foi marcado pela oferta limitada de animais, como resultado principalmente do clima. No caso das fêmeas, além da maior demanda, devido ao aumento nos preços do boi gordo, a retenção de matrizes diante da valorização do bezerro reforçou seus preços. Ao final do ano, porém, já foi possível perceber o enfraquecimento da demanda interna diante da crise. Com relação às exportações, mesmo com o câmbio favorável, as vendas externas diminuíram em 2015 em decorrência da crise do petróleo em mercados compradores tradicionais, como Rússia e Venezuela, e, em parte, também da redução da oferta interna.

Os resultados da cadeia industrial da agricultura estão resumidos na Figura 6 e na Tabela 11. Os dados referentes à cadeia industrial da pecuária estão na Figura 7 e na Tabela 12.



**Figura 6. Variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias vegetais (janeiro a dezembro 2015/2014)**

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove)



**Figura 7. Variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias animais (janeiro a dezembro - 2015/2014)**

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove)

## SERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio mineiro teve elevação de 0,43% em dezembro/15 e de 1,16% no comparativo anual. Nas atividades do ramo agrícola, houve avanço de 1,43% no mês, enquanto os serviços para o ramo pecuário recuaram 0,59%. Para o ano, 3,5% e -1,18% de variação, na mesma ordem.

## PARTICIPAÇÕES

Considerando-se as informações até dezembro/15, as participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais ficaram da seguinte forma: básico (39,22%), serviços (30,71%), industrial (24,08%) e insumos (6%).

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos seguiu com a menor participação, de 5,57%. Básico com 22,4% e serviços, 31,86%, mantendo-se nas posições intermediárias, enquanto a indústria teve a maior representatividade, de 40,16%.

Em relação à pecuária, a agroindústria representa 8,54%, parcela próxima à dos insumos (6,41%), que tem a menor participação. O segmento básico tem a maior parcela, de 55,46%, enquanto serviços fica em segundo lugar, com 29,59% (Figura 8).

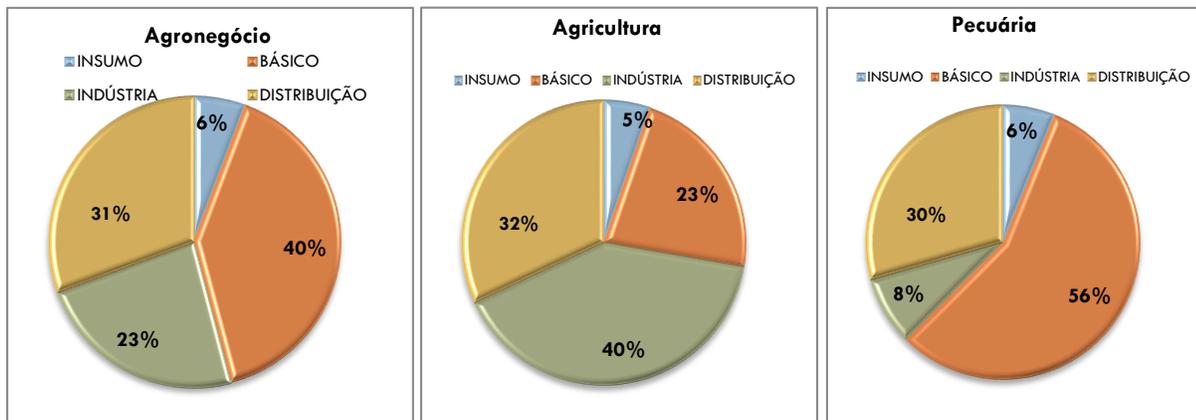


Figura 8. Participações percentuais dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais em dezembro de 2015

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa

O PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de dezembro/15, passa a ter uma participação de 13,54% no PIB brasileiro do agronegócio (Tabela 4). Entre os segmentos, apresentaram evolução em participação no agregado nacional: insumos (0,32 p.p., de 11,98% para 12,3%), serviços (0,15 p.p., de 13,35% para 13,49%) e indústria (0,44 p.p., de 11,44% para 11,88%). Já o segmento básico apresentou queda (0,39 p.p., passando de 15,5% para 15,1%).

É importante ressaltar que tais participações são sempre reajustadas, uma vez que os números contidos neste relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês de elaboração – neste caso, março/16, com dados alusivos a dezembro de 2015. As estimativas de safra e abate (correntes e passadas) passam por revisões ao longo dos meses, tanto para Minas Gerais, quanto para o agregado nacional do agronegócio, influenciando diretamente na revisão destes valores.

## ANÁLISES CONJUNTURAISS<sup>2</sup>

Em dezembro, o Indicador do **açúcar** cristal CEPEA/ESALQ do estado de São Paulo apresentou média mensal, de abril a dezembro, de R\$ 59,90/sc de 50 kg, 8,9% superior comparado ao mesmo período de 2014. Entre os fatores que justificaram o aumento da rentabilidade das exportações destacam-se a valorização do Real frente ao dólar e as altas nas cotações do açúcar. As elevações nos preços externos relacionam-se as estimativas de déficit global de açúcar na safra 2015/16. Na segunda quinzena de outubro os preços do açúcar no mercado doméstico voltaram a remunerar mais que as exportações. O grande volume de chuvas em setembro atrasou a moagem, fazendo com que as usinas da região Centro-Sul prolongassem suas atividades para dezembro, havendo um número maior de unidades em operação, comparado a 2014. De acordo com a ÚNICA, do início da safra até final de novembro/15 a região Centro-Sul moeu 563,292 milhões de toneladas de cana 1,64% a mais que a temporada anterior. A produção de açúcar totalizou 29,42 milhões de toneladas, queda 6,42%. O mix da produção de cana foi 58,68% destinado ao etanol e 41,32% à do açúcar.

Em relação aos **etanóis**, os preços médios do período tiveram leve alteração em termos reais mantendo o quarto ano com estabilidade, e a produção e demanda atingiram níveis recordes. A temporada contou com aumento da produção de etanol hidratado, porém a demanda aquecida durante 2015, impulsionada pela competitividade do biocombustível frente à gasolina e do aumento do percentual de mistura de anidro na gasolina, sustentou os preços. O aumento das chuvas a partir de setembro influenciou a formação de preços, que interrompeu pontualmente a colheita e moagem nas principais regiões produtoras do País. No período de Abril a Dezembro o valor do etanol hidratado (indicador semanal CEPEA-ESALQ, para o Estado de São Paulo), esteve em

<sup>2</sup> Esta seção apresenta uma síntese dos relatórios Agromensais realizados pelas equipes de pesquisa do Cepea/Esalq-USP, disponíveis em: <<http://cepea.esalq.usp.br/imprensa/?page=846>>

R\$1,4165/litro, 3,6% acima do mesmo período de 2014. Para o etanol anidro o preço atingiu R\$1,5580/litro, alta de 1,5% no comparativo anual. Os preços na Região Centro-Sul tiveram alta de 36%, saindo de R\$1,27/l e indo para R\$1,73/l sem impostos e frete.

O mercado de **algodão** em pluma teve predominância em alta em 2015, se recuperando no primeiro trimestre da forte queda do ano anterior. No acumulado, o Indicador CEPEA/ESALQ, com pagamento 8 dias, referente à pluma 41-4, posta em São Paulo, subiu 34,7%, a R2,2409/lp no dia 30. As vendas externas e os contratos de exportação foram favorecidos pela valorização de 49% do dólar frente Real. Em termos mundiais, O USDA estimou uma produção de 25,934 milhões de toneladas, queda de 1,08% em relação ao ano anterior. O estoque final atingiu 24,388 milhões de toneladas, com mais de 50% do total em poder da China.

Para o **café**, o indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor, posto em São Paulo, durante o ano, acumulou alta de 9,1% no ano, enquanto que o café tipo robusta atingiu alta de 39%, sendo a diferença de preços entre os dois tipos menor em relação ao mesmo período de 2014, e equivalente a 100,34 reais/saca o arábica acima do robusta. A queda no volume produzido na temporada 2015/16 e o aumento das exportações influenciaram a valorização do robusta, que reduziu a disponibilidade interna. A forte estiagem nos principais estados produtores de robusta (Espírito Santo e Rondônia) reforçam o movimento altista na safra 2016/17. Quanto ao arábica, o volume produzido em 2015/16 foi menor que 2014/15, devido as negociações acontecerem em períodos com necessidade de “fazer caixa”. A forte variação de preços no ano de 2015 manteve baixa liquidez do produto. No geral, a qualidade da safra 2015/16 ficou aquém da safra passada, prejudicada pelo clima desfavorável e fortes chuvas.

Com relação ao **milho**, em análise feita pela equipe de grãos do Cepea, a falta de chuva e a melhor rentabilidade da soja pressionaram a oferta do milho na primeira safra, com destaque para os Estados de Minas Gerais e Paraná. Contudo, a segunda safra contou com um aumento da oferta, superior à de verão pela quarta vez consecutiva, suficiente para aumentar a disponibilidade interna. Com relação as exportações, foram embarcados 28,92 milhões de toneladas no ano de 2015, quantidade 40% superior a 2014, atingindo recorde nacional. O indicador Esalq/BM&FBovespa, referente a região de Campinas (SP), subiu expressivos 28,1% durante o ano, fechando a R\$ 36,83/saca de 60 kg, em valores reais. Porém, no primeiro semestre o indicador acumulou perdas de 11% reagindo com alta de 44,5% no segundo semestre.

No caso da **soja**, as expectativas de recorde de produção e exportação se confirmaram no ano de 2015. A oferta mundial atingiu recorde e pressionou as cotações externas. Os preços foram maiores que 2014, impulsionados pela valorização do dólar frente ao real. Com a segunda maior produção de Soja mundial, o Brasil atingiu a marca de 96,2 milhões de toneladas, segundo levantamento do Cepea. Somando-se a Produção, Estoque inicial e as importações, o Brasil contou com 98 milhões de toneladas, da qual 43,2 milhões de toneladas teriam sido processadas internamente, 54 milhões exportado em grãos e para estoque final um acumulado de 719,2 mil toneladas.

O Indicador do **boi gordo** ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo), atingiu a máxima da série em termos reais no dia 20 de Abril em R\$ 160,59. No acumulado do ano o indicador diário fechou a R\$ 149,12 no dia 30, alta de 3,7%. A carcaça casada bovina foi negociada acima dos R\$9,00/kg durante praticamente todo ano, acumulando elevação de 10,3%. Apesar das altas nas cotações houve aumento dos custos de produção. Mesmo com o Real desvalorizado, as vendas externas diminuíram em 2015, devido à crise do petróleo em mercados como a Rússia e Venezuela, e em parte a redução da oferta interna. O volume de carne bovina in natura exportado totalizou 1,08 milhão de toneladas, queda de 11,4% em comparação ao ano anterior. A receita foi puxada pela desvalorização do Real atingindo R\$ 15,7 bilhões.

Com relação à **suinocultura**, apesar dos bons resultados vistos em 2014, o ano de 2015 deu uma freada, de acordo com o boletim do Suíno da equipe Cepea. Embora a valorização do dólar frente ao real tenha favorecido a exportação de carne, influenciou na elevação dos custos de produção. A exportação atingiu 537,9 mil toneladas de carne suína, 9,7% superior à 2014. A Rússia manteve aquecida sua demanda elevando em 28,7% (53,5mil toneladas) os embarques sobre o ano anterior. Em 30 de dezembro, o indicador Cepea do Suíno vivo em SP fechou a R\$4,06/kg e em Minas, a R\$ 4,35/kg.

No mercado de **leite**, diferente dos outros mercados, a pecuária de leite teve um ano difícil em seus elos. Houve aumento de custos de produção “dentro da porteira” e preços abaixo dos anos anteriores. As indústrias sofreram com o enfraquecimento da renda nacional e vendas de derivados. Em dezembro, o preço médio com frete e impostos pago ao produtor foi de 1,0534/litro, 2,04% menor em termos reais que 2014.

## PERSPECTIVAS PARA 2016

No Brasil, as perspectivas para 2016 seguem no mesmo campo de pessimismo que permeou as análises de 2015, com agravamento do cenário de crise econômica e política. Questões importantes relacionadas ao ajuste e reequilíbrio das contas públicas não foram adequadamente enfrentadas pelo governo, impactando na elevação do déficit primário. Esse quadro ainda vem se deteriorando com a retração econômica e consequente queda na arrecadação. Segundo o último relatório Focus do Banco Central, o mercado espera redução de 3,6% do PIB para 2016. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), que abrange seis regiões metropolitanas, a taxa de desocupação foi de 7,6% em janeiro, aumento de 0,7 p.p. em relação ao mês anterior e de 2,3 p.p. em relação a janeiro de 2015. O dólar frente ao real tem mantido (e deve se manter) em valor elevado e os índices de inflação não vêm apresentando sinais significativos de queda. Esse contexto vem refletindo, na confiança empresarial, além de deteriorar o poder de compra do consumidor interno, fatores que repercutem diretamente entre os diversos segmentos que compõem o agronegócio.

Para alguns mercados, como o de carne bovina e de produtos lácteos, há a expectativa que a queda de demanda interna no ano. No caso das carnes, espera-se movimento do consumo interno para proteínas mais baratas. Por outro lado, os impactos da forte estiagem no Centro-Sul do Brasil em 2013 e 2014 devem cessar em 2016, o que pode favorecer a oferta destes produtos.

As indústrias também são fortemente afetadas pela redução da demanda interna. Mas algumas indústrias permanecem otimistas mesmo diante do cenário conturbado, como café e etanol. Para o café, a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC) estima que o consumo volte a crescer moderadamente em 2016. Nas lavouras, desde outubro/15 o clima tem favorecido o desenvolvimento das lavouras de arábicas da temporada 2016/17 e animado produtores. A próxima temporada é de bienalidade alta e a produção tende a crescer no estado. No caso do etanol, o mercado espera que o consumo aquecido, verificado no correr de 2015, e os aumentos de preços no acumulado do ano podem representar o início, ainda que de forma gradativa, de uma retomada da rentabilidade do setor, que há alguns anos amarga custos de produção em alta e prejuízos financeiros.

Para 2016 há ainda a preocupação da elevação dos custos de produção diante da elevação de preços de produtos importados, mas o mercado exportador tem se beneficiado com o aumento da competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, mantendo a balança comercial superavitária. Para grãos atrelados ao mercado externo, como milho e soja, 2016 começa com os preços em alta, puxados pelo ritmo forte das exportações no último trimestre de 2015. No caso do milho, também vem se favorecendo a realização de contratos referentes ao grão a ser colhido em 2016 e, com isso, os preços domésticos podem seguir sustentados ao longo do ano. Para a soja, espera-se próxima safra bata novo recorde de produção. Por enquanto, os preços no mercado interno estão maiores que os de um ano atrás, mas em dólar, estão bem menores.

Para o açúcar, outro importante produto da pauta de exportação, após cinco temporadas consecutivas com superávit na oferta mundial, as projeções para a safra 2015/16 indicam mudança de cenário, baseada em menores produção e estoques globais. Essa perspectiva aliada ao Real desvalorizado e a uma temporada brasileira novamente mais alcooleira devem favorecer os preços internos do açúcar em 2016, que apresentam altas desde o segundo semestre de 2015.

Podemos concluir que o mercado tem perspectivas pessimistas e vê 2016 com preocupação, diante das instabilidades e incertezas econômicas e políticas. No que tange ao agronegócio, com a divulgação dos primeiros dados de estimativas setoriais para 2016, será possível traçar um cenário mais claro do que se esperar para o ano.

## CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro apresentou pequena alta de 0,09% em dezembro, fechando 2015 com crescimento estimado em 0,94% na renda. O resultado positivo atrelou-se ao ramo agrícola, que cresceu 3,84%, diante do recuo de 1,69% do ramo pecuário. Assim, a participação estimada no PIB do agronegócio nacional ficou em 13,54%, mas cabe ressaltar que esses valores passam por revisão a cada relatório, devido à atualização das estimativas utilizadas, tanto no País quanto no estado de Minas Gerais.

Destacam-se no ano de 2015 os efeitos da depreciação do Real frente ao dólar, que gerou efeitos distintos sobre o agronegócio. Por um lado, puderam-se observar melhoras sucessivas das cotações médias do segmento primário da agricultura, principalmente longo do segundo semestre, resultado que esteve atrelado, em grande medida, à dinâmica observada para os produtos voltados à exportação como milho e soja. Tal fato amenizou o efeito da retração dos preços internacionais em dólares que se observa no mercado de commodities - o Índice de Preços de Alimentos, calculado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), recuou 17,1% em doze meses até dezembro de 2015. O mesmo também se pôde observar nas indústrias ligadas ao mercado exportador, como a de papel e celulose, açúcar e óleo de soja.

Por outro lado, cabe destacar o reflexo do câmbio sobre a elevação dos custos de produção, principalmente com relação a insumos como fertilizantes, defensivos e aditivos de alimentação animal, que dependem de matéria-prima importada. Tal efeito, conjunto às altas de preços da energia e dos combustíveis, têm prejudicado a rentabilidade em diversos segmentos, com destaque para produtos lácteos, suinocultura e cultivos como milho tomate.

De modo mais geral, o ambiente econômico de 2015 foi bastante desfavorável, e o cenário ainda é de baixa confiança empresarial e alta instabilidade política. O PIB brasileiro fechou o ano com retração de 3,8%, conforme dados do IBGE. Com a redução da atividade econômica, a taxa de desocupação no país tem se elevado. Ainda se verifica grande pressão inflacionária que, em conjunto com as taxas de juros elevadas, deterioraram o poder de compra dos consumidores e prejudicaram os investimentos: segundo dados do IBGE, as despesas de consumo das famílias recuaram 4% no ano e a formação bruta de capital fixo retraiu expressivos 14,1%. Esse cenário refletiu negativamente nas expectativas e no desempenho do agronegócio estado, principalmente sobre os segmentos industrial e de serviços.

## TABELAS DE DADOS

**Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2014 e 2015 (%)**

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/14	-3,03	0,75	-0,23	0,34	0,17
jan/15	0,07	0,97	0,26	0,60	0,64
fev/15	-1,92	0,66	0,26	0,48	0,36
mar/15	-1,69	0,13	-0,23	0,01	-0,09
abr/15	0,57	0,30	-0,05	0,14	0,18
mai/15	-0,54	0,15	0,29	0,24	0,17
jun/15	5,26	0,27	-0,81	-0,17	0,16
jul/15	1,29	-1,39	0,84	-0,25	-0,37
ago/15	-0,67	-0,55	-0,08	-0,28	-0,36
set/15	3,89	-0,42	0,34	-0,06	0,12

out/15	1,63	-0,79	0,15	-0,33	-0,28
nov/15	1,87	-0,35	1,15	0,34	0,35
dez/15	-3,51	-0,37	1,35	0,43	0,09
Acum. no ano (2014)	1,56	10,62	2,00	6,74	6,77
Acum. no ano (2015)	6,08	-1,42	3,50	1,16	0,96

**AGRICULTURA**

	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/14	-4,83	0,35	-0,54	-0,33	-0,51
jan/15	-0,08	2,05	0,22	0,67	0,76
fev/15	-3,59	0,44	0,14	0,21	0,04
mar/15	-3,19	-1,01	-0,42	-0,57	-0,74
abr/15	1,00	0,29	-0,14	-0,04	0,04
mai/15	-0,88	0,03	0,24	0,19	0,12
jun/15	9,40	0,13	-1,21	-0,88	-0,28
jul/15	0,57	-0,08	0,88	0,64	0,57
ago/15	0,61	-0,57	-0,15	-0,26	-0,24
set/15	7,01	0,30	0,44	0,41	0,76
out/15	2,69	0,28	0,26	0,27	0,41
nov/15	2,76	1,21	1,47	1,40	1,47
dez/15	-5,92	0,47	1,74	1,43	0,90
Acum. no ano (2014)	3,36	-3,76	-0,16	-1,07	-1,10
Acum. no ano (2015)	9,80	3,56	3,49	3,50	3,84

**PECUÁRIA**

	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/14	-1,57	0,90	1,24	1,00	0,80
jan/15	0,18	0,58	0,42	0,53	0,53
fev/15	-0,61	0,73	0,80	0,75	0,66
mar/15	-0,55	0,55	0,63	0,57	0,50
abr/15	0,26	0,30	0,36	0,32	0,31
mai/15	-0,28	0,20	0,51	0,29	0,22
jun/15	2,18	0,32	0,98	0,52	0,54
jul/15	1,87	-1,87	0,67	-1,10	-1,21
ago/15	-1,68	-0,55	0,27	-0,30	-0,48
set/15	1,38	-0,69	-0,13	-0,52	-0,47
out/15	0,73	-1,19	-0,34	-0,92	-0,92
nov/15	1,10	-0,94	-0,26	-0,73	-0,69
dez/15	-1,39	-0,69	-0,36	-0,59	-0,68
Acum. no ano (2014)	0,18	17,00	13,14	15,81	15,15
Acum. no ano (2015)	3,15	-3,23	3,58	-1,18	-1,69

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Senar/ Seapa.

**Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2004 a 2015****AGRONEGÓCIO**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,83	19,26	-2,58	8,06	9,87
2005	1,27	-12,50	6,03	-3,54	-4,98
2006	-2,59	14,55	21,27	16,56	15,49
2007	13,64	5,81	4,54	6,34	6,14
2008	32,75	13,81	1,41	7,42	10,08
2009	-9,14	-8,57	5,44	-2,05	-3,53
2010	-6,79	12,56	21,97	16,71	14,68
2011	19,00	18,27	2,47	9,10	11,37
2012	1,61	-9,93	-3,02	-6,45	-6,47
2013	-7,03	12,15	8,17	10,82	9,41
2014	1,56	10,62	2,00	6,74	6,77

**RELATÓRIO PIBAGRO Minas Gerais – Análise referente a novembro/15; elaborada com dados disponíveis até janeiro/16.**

2015	6,08	-1,42	3,50	1,16	0,96
------	------	-------	------	------	------

**AGRICULTURA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	9,77	14,76	-4,34	1,34	3,35
2005	-3,45	-4,20	6,35	2,80	1,52
2006	-6,51	-1,16	26,87	18,07	14,29
2007	22,39	-4,27	1,13	-0,29	0,48
2008	38,66	22,60	-0,04	5,67	9,36
2009	-16,37	-9,45	8,14	2,99	0,12
2010	-11,86	17,69	25,08	23,18	20,32
2011	19,13	19,68	2,92	7,04	8,83
2012	2,90	2,06	-2,67	-1,37	-0,78
2013	-9,05	-10,18	6,18	1,53	-0,31
2014	3,36	-3,76	-0,16	-1,07	-1,10
2015	9,80	3,56	3,49	3,50	3,84

**PECUÁRIA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	7,31	9,20	8,56
2011	18,89	17,56	0,00	11,79	14,41
2012	0,61	-16,06	-5,05	-12,82	-12,97
2013	-5,43	26,04	19,74	24,03	22,08
2014	0,18	17,00	13,14	15,81	15,15
2015	3,15	-3,23	3,58	-1,18	-1,69

Fonte: Cepea-USP / Faemg / Senar/ Seapa.

**Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2002 a 2015 (R\$ milhões de 2015)**

**AGRONEGÓCIO**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	5.473	33.792	19.515	25.661	84.440
2003	6.267	34.942	21.355	27.248	89.812
2004	6.758	41.673	20.804	29.444	98.679
2005	6.844	36.462	22.059	28.402	93.767
2006	6.666	41.766	26.752	33.107	108.291
2007	7.576	44.191	27.968	35.206	114.940
2008	10.056	50.291	28.361	37.817	126.526
2009	9.137	45.982	29.905	37.040	122.064
2010	8.517	51.758	36.477	43.231	139.983
2011	10.135	61.214	37.379	47.164	155.892
2012	10.298	55.135	36.249	44.123	145.806

2013	9.574	61.836	39.212	48.899	159.522
2014	9.723	68.406	39.997	52.193	170.319
2015	10.315	67.437	41.398	52.796	171.946

**AGRICULTURA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	2.594	13.248	15.765	14.060	45.666
2003	3.003	12.735	17.492	14.916	48.145
2004	3.296	14.615	16.733	15.116	49.760
2005	3.182	14.001	17.796	15.539	50.517
2006	2.975	13.839	22.577	18.347	57.738
2007	3.641	13.248	22.832	18.294	58.016
2008	5.048	16.242	22.823	19.331	63.445
2009	4.222	14.708	24.680	19.910	63.520
2010	3.721	17.310	30.870	24.525	76.426
2011	4.433	20.717	31.773	26.252	83.175
2012	4.562	21.143	30.926	25.893	82.524
2013	4.149	18.991	32.838	26.289	82.266
2014	4.288	18.277	32.785	26.009	81.358
2015	4.709	18.928	33.927	26.920	84.485

**PECUÁRIA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	2.879	20.544	3.750	11.601	38.774
2003	3.265	22.207	3.863	12.332	41.667
2004	3.462	27.058	4.071	14.329	48.920
2005	3.661	22.461	4.264	12.864	43.250
2006	3.692	27.926	4.176	14.760	50.553
2007	3.935	30.942	5.135	16.911	56.924
2008	5.008	34.049	5.538	18.485	63.081
2009	4.915	31.274	5.225	17.130	58.544
2010	4.796	34.448	5.607	18.706	63.557
2011	5.702	40.496	5.607	20.912	72.717
2012	5.737	33.992	5.324	18.230	63.283
2013	5.425	42.845	6.375	22.610	77.256
2014	5.435	50.129	7.213	26.184	88.961
2015	5.606	48.509	7.470	25.876	87.461

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Senar/ Seapa.

**Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)**

<b>AGRONEGÓCIO</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	9,44	12,19	6,65	8,38	9,03
2003	9,57	11,27	7,07	8,55	9,02
2004	10,02	13,56	6,56	8,93	9,66
2005	11,31	13,15	6,95	8,91	9,63
2006	11,37	15,39	8,19	10,29	11,07
2007	11,38	14,51	8,21	10,24	10,89
2008	12,60	14,40	8,11	10,45	11,09
2009	13,16	14,25	8,90	10,69	11,36

**RELATÓRIO PIBAGRO Minas Gerais – Análise referente a novembro/15; elaborada com dados disponíveis até janeiro/16.**

2010	12,22	14,46	10,18	11,69	12,11
2011	12,89	15,30	10,57	12,31	12,82
2012	12,90	14,18	10,67	11,86	12,35
2013	11,92	14,60	11,17	12,64	12,85
2014	11,98	15,50	11,44	13,35	13,48
<b>2015</b>	<b>12,30</b>	<b>15,10</b>	<b>11,88</b>	<b>13,49</b>	<b>13,54</b>

**AGRICULTURA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	6,96	8,27	6,38	6,65	6,96
2003	7,03	6,85	6,83	6,73	6,82
2004	7,51	8,00	6,20	6,56	6,85
2005	8,51	9,07	6,56	7,01	7,38
2006	8,10	8,99	7,99	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,79	7,55	7,73
2008	9,58	8,04	7,61	7,68	7,87
2009	9,62	8,02	8,47	8,13	8,32
2010	8,51	8,41	9,89	9,35	9,27
2011	9,17	8,87	10,36	9,70	9,68
2012	9,29	9,06	10,43	9,69	9,75
2013	8,54	7,93	10,77	9,73	9,53
2014	8,95	7,61	10,85	9,73	9,49
<b>2015</b>	<b>9,36</b>	<b>7,63</b>	<b>11,23</b>	<b>10,02</b>	<b>9,72</b>

**PECUÁRIA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	13,87	17,57	8,09	12,23	13,90
2003	14,35	17,87	8,42	12,72	14,38
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87
2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83
2010	18,45	22,65	12,11	17,44	19,17
2011	18,83	24,32	11,97	18,57	20,41
2012	18,65	21,84	12,29	17,40	18,92
2013	17,11	23,27	13,80	19,37	20,40
2014	16,35	24,91	15,25	21,14	21,93
<b>2015</b>	<b>16,69</b>	<b>24,45</b>	<b>16,06</b>	<b>21,11</b>	<b>21,81</b>

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Senar/ Seapa.

**Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais**

SEGMENTO BÁSICO											
Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Café	38,96	40,79	47,06	35,01	38,07	34,05	40,95	46,18	40,25	31,14	37,75
Cana-de-açúcar	5,74	6,33	10,68	11,70	8,91	12,58	14,42	13,13	12,92	14,63	14,15
Soja	14,20	10,80	8,32	10,87	11,19	12,71	9,36	8,83	11,36	12,68	12,93

Milho	13,32	13,04	10,18	16,19	14,04	11,47	9,02	10,87	11,80	11,18	10,48
Tomate	5,35	4,43	2,60	2,77	2,72	3,07	2,02	2,16	3,06	4,69	4,21
Feijão	4,49	6,41	4,57	6,16	9,79	5,52	6,12	3,91	6,51	6,04	3,83
Batata-inglesa	4,77	5,99	4,56	5,55	4,13	6,91	5,24	2,53	3,03	6,50	3,55
Banana	2,52	2,49	3,29	2,92	2,70	3,21	3,24	2,66	2,43	3,62	3,52
Algodão	1,35	1,21	0,79	0,75	0,53	1,02	1,31	2,70	1,45	1,24	1,25
Laranja	1,04	1,22	1,20	0,64	1,20	1,79	1,79	1,25	0,80	0,56	0,91
Carvão vegetal	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Arroz	1,74	0,86	0,71	0,97	0,83	0,78	0,89	0,78	0,67	1,08	0,86
Mandioca	1,16	0,75	0,54	0,60	0,42	0,32	0,23	0,08	0,07	0,0	0,0
Outros	3,37	3,68	3,50	3,86	3,49	5,59	4,42	3,91	4,63	5,64	5,55
<b>Total</b>	<b>100</b>										

## SEGMENTO BÁSICO

<b>Pecuária</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Boi vivo	37,64	35,18	41,4	36,91	36,88	37,16	37,9	38,63	36,55	35,7	36,4
Vaca viva	21,68	13	21,32	18,53	18,65	17,56	16,81	21,42	15,33	16,46	19,08
Frango vivo	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,23	7,6	9,56	9,18	6,92
Leite natural	23,25	31,3	22,63	28,21	26,65	27,85	28,1	24,25	28,81	29,89	29,59
Ovos	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,9	2,67	3,32	2,74	2,33
Suíno vivo	5,41	6,76	4,4	4,55	5,92	5,29	6,05	5,43	6,43	6,03	5,68
<b>Total</b>	<b>100</b>										

## SEGMENTO INSUMOS

<b>Insumos para a Pecuária</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Combustíveis e Lubrificantes	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	9,73	11,7	12,72
Alubos, Fert. e Cor. Solo	24,03	20,89	18,88	22,85	25,9	21,58	19,14	20,22	20,55	19,1	19,52
Alimentos para animais	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	69,72	69,2	67,76
<b>Total</b>	<b>100</b>										

## SEGMENTO INSUMOS

<b>Insumos para a Agricultura</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Combustíveis e Lubrif.	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	11,81	14,77	15,56
Alubos, Fert. e Cor. Solo	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	88,19	85,23	84,44
<b>Total</b>	<b>100</b>										

**SEGMENTO INDUSTRIAL**

<b>Indústria da Pecuária</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Carne de boi	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	15,76	14,68	16,09	15,75	15,88
Carne de vaca	4,8	4,64	5,6	5,45	7,42	6,04	6,45	5,73	6,6	6,86	7,8
Carne suína	8,19	8,3	6,97	6,31	8,44	8,07	10,43	10,96	10,58	10,38	10,09
Carne de aves	12,47	13,17	12,66	11,6	12,91	13,69	15,3	16,95	17,35	16,87	13,21
Leite em pó	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	32,88	29,77	27,61	29,07	33,78
Leite UHT	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	13,5	16,55	18,28	17,76	15,83
Queijo	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	2,76	2,53	1,12	0,99	1,05
Leite pasteurizado	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	2,93	2,84	2,37	2,32	2,37
<b>Total</b>	<b>100</b>										

**SEGMENTO INDUSTRIAL**

<b>Indústria Agrícola</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Celulose, papel e produtos de papel	21,45	20,76	16,13	19,5	17,65	13,23	12,11	10,75	10,97	11,36	11,24
Álcool Anidro	11,69	14,36	19,74	14,59	13,79	10,87	11,69	17,65	16,75	22,4	22,49
Álcool Hidratado	11,09	15,87	18,19	22,95	27,88	29,7	29,17	23,45	17,95	22,04	23,23
Têxtil	9,76	9,34	7,42	7,08	5,84	4,81	3,96	3,51	3,37	3,46	3,22
Indústria do café	13,98	12,14	9,94	11,82	11,12	10,35	11,02	11,62	13,62	12,97	13,32
Indústria do fumo	0,87	0,82	0,69	0,7	0,64	0,62	0,47	0,46	0,47	0,43	0,41
Indústria do açúcar	13,9	15,55	19,13	12,43	11,72	21,83	24,41	23,67	27,1	20,7	20,08
Óleos soja refinado	12	6,66	5,07	6,94	7,8	5,11	4,26	6,16	7,07	4,17	3,6
Indústria de bebidas	5,25	4,48	3,69	3,99	3,56	3,49	2,91	2,74	2,7	2,47	2,43
<b>Total</b>	<b>100</b>										

Fonte: Cepea-USP/Faemg/ Senar/ Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

**Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2015 (%)**

	<b>Insumos</b>	<b>Básico</b>	<b>Indústria</b>	<b>Serviços</b>	<b>Agronegócio</b>
Pecuária	-1,39	-0,69	-0,36	-0,59	-0,68
Agricultura	-5,92	0,47	1,74	1,43	0,90
Agronegócio total	-3,51	-0,37	1,35	0,43	0,09

**Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2015 (%)**

	<b>Insumos</b>	<b>Básico</b>	<b>Indústria</b>	<b>Serviços</b>	<b>Agronegócio</b>
--	----------------	---------------	------------------	-----------------	--------------------

Pecuária	3,15	-3,23	3,58	-1,18	-1,69
Agricultura	9,80	3,56	3,49	3,50	3,84
Agronegócio total	6,08	-1,42	3,50	1,16	0,96

**Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2015/14**

	Combustíveis e Lubrificantes	Adubos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	-3,80	-1,94	0,20
Preços reais	4,92	13,64	0,97
Valor	0,93	11,44	1,17

**Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2015/14**

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	-1,36	-1,83	5,34	4,87	-11,12	1,05	-10,30	0,04	6,06	4,99	11,88	-6,74	-36,50
Preços reais	0,65	2,85	-1,55	-2,88	41,08	44,68	-18,31	-35,47	-0,02	6,22	-6,52	3,14	-4,46
Valor	-0,72	0,97	3,70	1,84	25,39	46,20	-26,72	-35,45	6,04	11,52	4,58	-3,82	-39,33

**Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2015/14**

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	-11,19	-10,02	4,09	5,04	-1,56	3,20
Preços reais	8,61	8,37	4,17	-10,18	0,88	-10,45
Valor	-3,55	-2,49	8,43	-5,65	-0,69	-7,59

**Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2015/14**

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	-8,50	-11,82	22,31	-28,50	-0,70	12,20	-3,98	-14,22	-4,50
Preços reais	33,34	-0,89	0,86	-0,38	0,20	5,98	5,91	5,53	3,89
Valor	22,01	-12,60	23,36	-28,77	-0,50	18,91	1,69	-9,47	-0,78

**Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2015/14**

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	-11,19	-10,02	3,20	5,11	13,72	15,05	8,17	8,58
Preços reais	10,36	11,80	-12,20	0,16	-4,48	-3,79	-7,97	-5,34
Valor	-1,99	0,60	-9,39	5,28	8,63	10,69	-0,44	2,79

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

**Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2002 a 2015 (R\$ preços correntes)**

	AGRONEGÓCIO				
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	2.190	13.518	7.807	10.266	33.781
2003	3.079	17.166	10.491	13.386	44.121
2004	3.632	22.397	11.181	15.825	53.034
2005	3.897	20.765	12.563	16.175	53.401
2006	3.862	24.196	15.498	19.180	62.736

**RELATÓRIO PIBAGRO Minas Gerais – Análise referente a novembro/15; elaborada com dados disponíveis até janeiro/16.**

2007	4.612	26.902	17.026	21.432	69.971
2008	6.810	34.054	19.204	25.607	85.675
2009	6.298	31.694	20.613	25.531	84.136
2010	6.198	37.665	26.545	31.460	101.868
2011	8.004	48.342	29.520	37.247	123.113
2012	8.619	46.145	30.339	36.929	122.032
2013	8.500	54.901	34.815	43.415	141.631
2014	9.096	63.990	37.415	48.824	159.324
2015	10.315	67.437	41.398	52.796	171.946

**AGRICULTURA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	1.038	5.300	6.307	5.625	18.269
2003	1.475	6.256	8.593	7.327	23.652
2004	1.771	7.855	8.993	8.124	26.743
2005	1.812	7.974	10.135	8.849	28.770
2006	1.723	8.017	13.079	10.629	33.449
2007	2.216	8.065	13.900	11.137	35.318
2008	3.418	10.998	15.454	13.090	42.961
2009	2.910	10.138	17.011	13.723	43.783
2010	2.708	12.597	22.465	17.847	55.616
2011	3.501	16.361	25.092	20.732	65.686
2012	3.818	17.696	25.883	21.671	69.068
2013	3.684	16.861	29.155	23.341	73.040
2014	4.012	17.097	30.668	24.330	76.106
2015	4.709	18.928	33.927	26.920	84.485

**PECUÁRIA**

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2002	1.152	8.219	1.500	4.641	15.512
2003	1.604	10.909	1.898	6.058	20.469
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714
2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.080	13.613	46.251
2011	4.503	31.981	4.428	16.515	57.427
2012	4.802	28.450	4.456	15.257	52.964
2013	4.817	38.040	5.660	20.074	68.591
2014	5.084	46.893	6.747	24.494	83.218
2015	5.606	48.509	7.470	25.876	87.461

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Senar/Seapa.